



Legenda para nada

Senhora Dona Lua

No céu de focos esventrado se apagou...

Murcha, caiu à rua

A pálida camélia;

E a vasa das valetas a levou.

Que fantasma de Ofélia

No lago escoado de água se afogou?



Feito de quê o poema? Um pão já encetado

Sobre a mesa de pinho.

Ali ao lado,

meio copo de vinho.

É vinho, o vinho ou sangue? E o pão

É pão ou carne? Que garganta

Deixou ficou no silêncios da canção

Que ninguém canta?

De um raio de sol que se extinguiu veio,

Jábrilhou como um líquido rubi

Aquele copo meio cheio,

Já cheirou bem aquele pão, ali.

Há quanto tempo o Cristo, ou o Judas,

Já foi à cruz, ou à figueira,

E aquele vinho, ou o pão entre as paredes mudas,

Espera quem de novo o queira?

**Quem vem beber aquele meio vinho
Para acabar aquele meio pão?
De essas tábuas de pinho,
Foi vinho, ou sangue, o que pingou no chão?**

**Sangue maldito, vinho consagrado,
Pão, carne de famintos, hóstia santa...
Feito de quê o poema? O templo abandonado.
Meio copo de vinho. O pão só encetado.
Silêncios pelo ar, duma canção que ninguém canta.**



Elegia

**Do sol que morre além,
Que florete de luz inesperado,**

Vem

Que faz arder como um diamante enorme

O vidro dum paupérrimo telhado?

Lá dentro, um poeta dorme.

Não dorme, que morria

Ao abandono.

Por que iluminas, sol, o sótão sem janelas?

Tontos do vinho e o sono

Da folia,

Os cegos bailam aos encontrões e apalpadelas,

Satisfeitos de si na romaria.



Estação Término

**Como um navio no mar
A meio da noite a casa,
E o vento e a chuva em redor,
lá dentro a um canto do lar
Onde um bom tronco se abrasa,
O homem sentado espera.
Se alguém chegar,
Terá luz, terá calor.
Batem à porta. Quem dera
Que fosse realidade!
Já teve tais decepções
O homem que há tanto tempo espera!
Mas agora, alguém batera
Que chega da tempestade,
Que percorreu solidões...**

**“ Entre quem é!” Pode ser
Alguém que venha roubar,
Assassinar, ofender ...
“Entre quem é!” Não importa.
Se alguém que vem bate à porta,
Chegou, por fim a saber
Que venha lá quem vier,
Seja quem for,
Só um dos dois pode sere
Desde que não a fingir:
A Morte, o Amor.**



Vai nascer um Menino

Desfolharam-se as rosas

Antes do amanhecer,

Desço ao quintal... Que rosas

Hei-de colher?!

O céu parece um muro.

No entanto, amanheceu.

Amanheceu escuro...

Que é das estrelas? Que é do céu?

Calou-se o rouxinol.

Calou-se o rouxinol na ramaria.

Prefere a lua ao sol...

Mas veio sol?! mas isto é dia?!

Mas, já murchas as rosas, apagados

Os astros nos céus baços,

Os rouxinóis calados,

E arranha-céus, cimentos, aços,

Como destino

Desta cidade imensa,

Que poderei eu dar ao meu menino

Que vai nascer?

Pois nisto ninguém pensa,

Que ele tem debrincar para comer?!



Sabedoria

**Desde que tudo me cansa
Comecei eu a viver,
Comecei a viver sem esperança...
E venha a morte quando Deus quiser.**

**Dantes, ou muito ou pouco
Sempre esperara:
À vezes, tanto, que o meu sonho louco
Voava das estelas a mais rara;
Outras tão pouco,
Que ninguém mais com tal se conformara**

**Hoje, é que nada espero,
Para quê esperar?
Sei que já nada é meu senão se o não tiver;
Se quero, é só enquanto apenas quero;
Só de longe. E secreto, é que inda posso amar...
E venha a morte quando Deus quiser.**

**Mas, com isto, que têm as estrelas?
Continuam brilhando, altas e belas.**



Equilíbrio instável

**A pouco e pouco cimentada, a frente
Do imponente edifício ascende aos ares.
De entre estéticas margens regulares,
Plácida flui a face da torrente...**

**Ora, por trás do tal frontal decente,
Formas se afundam, guetos, lupanares;
E, sob honestos óculos e olhares,
Reluz não sei que luz de olhar demente!**

**No aparente edifício à mão armada,
Mente a mão que pesou sobre a loucura,
Ou a força bruta obscura, e soterrada?**

**Desde que o mundo é ordem que isto dura!
Mas se a morte é mudez, se é fim, se é o nada,
Todo o equilíbrio é oco, e a vida impura.**

